



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

CÉLIA PIRES MACIEL SALES

**A IRONIA COMO CRÍTICA SOCIAL NA OBRA “O ALIENISTA”
DE MACHADO DE ASSIS**

**Brasília
2012**



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

CÉLIA PIRES MACIEL SALES

**A IRONIA COMO CRÍTICA SOCIAL NA OBRA “O ALIENISTA”
DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (Uniceub) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Faces, tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

**Brasília
2012**

CÉLIA PIRES MACIEL SALES

**A IRONIA COMO CRÍTICA SOCIAL NA OBRA “O ALIENISTA”
DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (Uniceub) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Faces, tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Ana Luiza Montalvão – UnICEUB (Orientadora)

– UnICEUB

– UnICEUB

Dedico este trabalho a Deus por seu amor incondicional e por tornar esse sonho possível.

Tudo posso naquele que me fortalece.
Fp 4. 13

Agradeço ao meu marido e amigo Ronaldo que esteve presente em todos os momentos dessa jornada.

Ao meu filho Caio, por ter continuado sendo bom filho e aluno, acima de tudo soube compreender as minhas ausências.

A todos os familiares e amigos que me incentivaram nessa caminhada.

Emília, por se tornar companheira e amiga durante esses três anos de curso.

Sara, obrigada pelas palavras de incentivo nas horas difíceis.

Ana Luiza, minha orientadora, minha professora amada pelo apoio constante desde o início, sem você não teria chegado até aqui. Com dedicação, responsabilidade e experiência soube conduzir este trabalho. Minha eterna gratidão e carinho.

Com a ironia você sai do reino do verdadeiro e do falso e entra no reino do ditoso e desditoso – de que maneiras vão além do que sugere o uso desses termos na teoria dos atos da fala. A ironia remove as certezas de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem.
(Linda Hutcheon)

RESUMO: Nesta monografia, o objetivo é apresentar o conto “O alienista” do escritor Machado de Assis, “corpus” da pesquisa, pelo viés da ironia como crítica social. Faz-se necessário, portanto, o estudo da sociedade brasileira em que viveu o autor para se destacar as relações de poder presentes no Segundo Império e também com a finalidade de evidenciar a construção dos personagens machadianos por meio da fina análise psicológica entremeada pela ironia e pelo humor tão eficazes na escrita do Bruxo de Cosme Velho. É importante enfatizar a pertinência da leitura dos textos machadianos em sala de aula com a finalidade de propiciar ao aluno a prática do letramento literário e a formação de um olhar crítico sobre a sociedade brasileira do século XIX e seus desdobramentos na atualidade.

Palavras-chave: Machado de Assis.Sociedade.Crítica.Ironia

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| CAPÍTULO I - A CATEGORIA DA IRONIA..... | 9 |
| CAPÍTULO II - A IRONIA EM MACHADO DE ASSIS – O ALIENISTA | 15 |
| CAPÍTULO III - O ENSINO DO TEXTO MACHADIANO EM SALA DE AULA...22 | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 27 |
| REFERÊNCIAS | 28 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo falar acerca da categoria da ironia como meio de crítica social, utilizando-se do escritor Joaquim Maria Machado de Assis ou simplesmente Machado de Assis, uma das figuras mais ilustres da literatura brasileira, autor de nove romances, quatro livros de poesias, sete de contos, dez peças teatrais, além de críticas, traduções e crônicas.

O que se pretende aqui não é esgotar o estilo machadiano e sim uma possibilidade de estudá-lo sobre o viés da categoria ironia como crítica social na obra “O alienista”, “corpus” de pesquisa.

Para tanto, utilizou-se a pesquisa qualitativa que contou de duas etapas: pesquisa bibliográfica na qual se pesquisou argumento de autoridade por meio de leituras teóricas as quais se encontram em: livros, artigos acadêmicos, revistas e dessa forma buscar um melhor detalhamento do “corpus” de pesquisa, pelo estudo do caso que consiste na análise detalhada do “corpus”.

No primeiro capítulo intitulado “A categoria da ironia”, falou-se a respeito da sociedade em que viveu Machado de Assis, um pouco das suas obras, bem como o seu estilo único que o diferenciava de outros escritores contemporâneos. Ainda neste capítulo traçou-se o estudo do estilo machadiano pelo viés da categoria ironia utilizando da autora Linda Hutecheon como fundamentação teórica.

Já no segundo capítulo cujo título é A ironia em Machado de Assis – “O alienista” - o que se fez foi tentar delimitar o estilo machadiano sobre o viés da ironia por meio da sua visão panorâmica sobre algumas de suas obras com o foco principal em “O alienista” em que procurou proporcionar, por meio de alguns trechos selecionados, um estudo sobre a ironia machadiana, como de crítica social.

Posteriormente, no terceiro capítulo com o nome de O ensino machadiano em sala de aula, buscou-se uma reflexão sobre o estudo do texto literário em sala de aula, pois este concorre diretamente com vários recursos tecnológicos mostrando, disponíveis ao aluno, estratégias de como o professor pode tornar as aulas sobre “O alienista” mais participativas e interessantes levando o aluno a perceber que na obra a ironia é utilizada como forma de crítica social e, propiciando a formação de um olhar crítico por parte dos alunos da sociedade do século XIX e os desdobramentos da sociedade atual.

CAPÍTULO I

A CATEGORIA DA IRONIA

É possível afirmar que a sociedade brasileira em que viveu Machado de Assis, autor da obra “O alienista” (1882), objeto de estudo da monografia, seja a sociedade diretamente engendrada por poderosos capitais do mercantilismo internacional, especialmente com seu funcionamento peculiar no Brasil, que tinha como centro de suas atividades comerciais o tráfico negreiro (externo e interno e os escravos vendidos aqui mesmo entre os negociantes e os fazendeiros das províncias do Império).

O tráfico negreiro externo e interno era a atividade mais lucrativa no país, sendo, ao mesmo tempo, uma atividade comercial normal, primeiro legal, depois ilegal e, mesmo criminosa, mas tolerada e completamente mesclada em todas as atividades normais do comércio de mercadorias de importação e exportação ou da circulação interna, naquele período.

O tráfico externo de escravos conheceu seu apogeu entre 1730 e 1830, ano em que foi tornado ilegal, mas continuando “mais ou menos” livre até 1850. Já o tráfico interno; embora com algumas restrições legais, durou até a abolição. As maiores fortunas comerciais no Rio de Janeiro (e certamente de outras cidades litorâneas, em Pernambuco e Bahia), empregadas na importação e na exportação de mercadorias, na aquisição de imóveis, em bancos, seguradoras, armadores de navios, fornecedores governamentais, fazendeiros poderosos se originaram, regra geral, e com poucas exceções, das atividades do tráfico negreiro.

Deve-se salientar que a obra de Machado de Assis não nasceu pronta, isto é, seus primeiros escritos não têm a força e a beleza das obras produzidas mais tarde, por exemplo, como, a obra “O alienista” (1882). As personagens da primeira fase machadiana não são nada parecidas com as personagens românticas arrebatadas de um Joaquim Manuel de Macedo. Não são personagens estereotipadas e nem simples. Escapam a transparência dos símbolos do bem e do mal. Têm comportamentos imprevistos, como Iaiá Garcia ou Guiomar, de “A mão e a Luva” que, conscientemente, estabelecem um plano para conquista de seus respectivos futuros maridos, não por amor, mas por interesse de diferentes ordens.

Segundo Bosi, é nas obras de Machado de Assis que se encontra o equilíbrio

da prosa realista brasileira, assim:

O seu equilíbrio não era o goethiano – dos fortes e dos felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo; mas o dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como herança inalienável, e fazem dela alimento de sua reflexão cotidiana (BOSI, 2006, p. 186).

Já em seus romances iniciais, portanto, Machado desmascara o mundo “cor-de-rosa” sugerido pelo romance romântico, em que o casamento era cura para todos os males e fiador da ordem social. Ao contrário, Machado vê o casamento como uma espécie de comércio ou, pelo menos, uma troca de favores.

Nessas primeiras obras de Machado já é possível perceber uma sutil crítica à sociedade, como pode ser observado no trecho a seguir:

Havia, entretanto, no primeiro romance de Machado de Assis e ainda mais talvez nos que mais de perto o seguiram, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), visíveis ressaibos e romantismo senão do Romantismo. Temperava-os, porém, já, diluindo-os num sabor mais pessoal e menos de escola, a sua nativa ironia e a sua desabusada visão das cousas, que o forravam ao romanesco, à sentimentalidade amaneirada que tanto viciou e desluziu a nossa ficção (JOSÉ VERÍSSIMO, 1981, p. 428).¹

Decididamente, o romance e os contos de Machado anteriores a 1880, escurecem os tons claros do romance romântico, sem vestir o seguro da denúncia realista. São romances cinzentos de casinhos miúdos, como “miúda” e “cinzenta” era a vida brasileira da época. Nas obras que escreveu depois de 1880, Machado era outro, ou melhor, era o mesmo de antes, só que mais desenvolvido e maduro.

Este Machado maduro passou a escrever para leitores também maduros. Como antes, as obras desta fase não arrastam seus leitores por aventuras emocionantes, não bisbilhotam a vida sentimental das personagens. Nada disso. A partir de 1881, Machado continua a cuidar, em suas obras, de casinhos miúdos, aparentemente desinteressantes, vividos por pessoas comuns. Mas algo diferente já há. Estas pessoas comuns que são encontradas nas primeiras folhas dos romances machadianos tornam-se absolutamente extraordinárias quando se acaba a leitura e fecha o livro, e o que as torna especiais e extraordinárias? A forma pela qual

¹ <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/21/10>, acesso dia 8/12/2012 às 11h25min.

Machado as constrói devagarzinho, na frente de nossos olhos, frisando um gesto, um jeito especial de falar, uma ação esboçada, mas não concluída.

Ao fim da leitura, vê-se na personagem e sente-se nela também o homem brasileiro do Segundo Império e da Primeira República. A personagem machadiana é o homem de sempre. As personagens de Machado são profundamente brasileiras, mas seus traços de brasilidade não se identificaram aos traços que a tradição literária romântica ensinou a considerar brasileiros, como, por exemplo, o índio corajoso e exótico, ou o sertanejo folclórico e pitoresco. Não, a brasilidade de Machado de Assis evita falar de índios coloridos e tipos regionais. A brasilidade de Machado de Assis, assim, na fidelidade com que o romancista traz seus romances, todo o ambiente da sociedade urbana brasileira miniaturizada nos salões e grupos humanos do Segundo Império e dos primeiros anos da República.

Machado recria em seus romances o mundo carioca (e brasileiro) de uma sociedade arcaica, cujos hábitos antigos e cerimoniosos dissimulavam na boa educação e nos modos polidos, toda a violência de uma sociedade escravocrata, na qual o apadrinhamento e o “jeitinho” solucionavam sempre que necessário as situações geradas por uma estrutura social assentada nos privilégios e numa divisão desigual de bens.

Machado, em seus melhores momentos, reflete essa sociedade dura e desapiadada, preconceituosa em relação à cor e à posição social, sem nenhuma tradição política. Os dois partidos políticos daquela época, por exemplo, embora se chamassem Conservador e Liberal, cumpriam a mesma função: sustentar o regime, o governo, o Estado. Mesmo a República, cuja proclamação assiste-se nas obras “Esaú e Jacó” (1904) e “Memorial de Aires” (1908), é vista, aos olhos de Machado, como simples mudança da fachada, pois os alicerces do tempo do Império continuam os mesmos. Nesse sentido, Machado é profundamente brasileiro, pois nos conta em suas obras a verdadeira realidade desmistificando nossa fama de povo democrático e não violento.

Não se deve deixar de evidenciar o estilo singular da ficção machadiana após a publicação da obra “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de 1881. Machado rompe com a narrativa linear tão peculiar à estética romântica e conduz suas narrativas utilizando a função da metalinguagem imbricada com a categoria da ironia.

Machado de Assis é o grande intérprete da ironia como contradição

existencial na literatura brasileira do século XIX. Sua obra – das primeiras crônicas e contos aos últimos romances – encerra uma evolução sempre contínua em direção à atmosfera de pessimismo, de radicalização fundamental frente à essência da vida e dos seres.

A literatura machadiana busca as causas secretas dos atos humanos, as quais nunca serão o amor, a compreensão e a generosidade. Serão sempre o ódio, a incompreensão ou o interesse. Tal visão é chamada pessimismo e decorre de uma profunda descrença nos homens, pois Machado julgava que o egoísmo prepondera sobre o altruísmo, o mal sobre o bem (TEIXEIRA, 1987, p. 68).

Aliado ao pessimismo destaca-se um discurso espirituoso que se traduz em um estilo ébrio, distante do regular e fluente, “[...] este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem.” (ASSIS, 1991, p. 113) Machado, diferentemente de seus contemporâneos, discute os procedimentos que utiliza para escrever sua obra, enquanto a escreve. É onde há a primazia da função metalinguagem.

Outro aspecto a ser retratado diz respeito ao repertório vocabular ou a roupagem da época, que não definem a permanência ou transitoriedade de uma obra e sim a visão de mundo que ela (a obra) apresenta.

Machado de Assis acrescenta a todos esses aspectos o humor que impede qualquer espécie de atitude melodramática ou sentimental, tão ao gosto do Romantismo. O humor irônico marca predominante no estilo machadiano, que dá sempre uma intenção oposta, sarcástica, depreciativa e cheia de subentendidos ao que está dizendo, é decorrência do tom assumido pelo narrador e leva o leitor à sutileza do sorriso.

Pode-se dizer que ironia consiste em um fenômeno bastante comum que já se fazia presente na comunicação humana desde a Grécia Antiga. Como nada permanece da mesma forma, com ela não foi diferente, com o passar dos anos, ganhou vários conceitos (etimologicamente o termo vem do grego *eironeia* que significa dissimulação). Sem a pretensão de querer dizer que exista um conceito propriamente dito ou que seja unanimidade entre os estudiosos.

Devido ao caráter fluído e nebuloso, na tentativa de teorizá-la levou-se em consideração o estudo esquematizado por meio de grandes eixos que englobam linhas filosóficas socráticas, românticas, perspectivas retóricas, pragmatismo e

discurso. Por esse motivo, a crítica Linda Hutcheon resolveu abordar a ironia ou examinar o que se pode chamar a “cena” da ironia sob a perspectiva de não tratá-la como um tropo isolado, e sim a considerando como um tópico político que, intrinsecamente, “envolve relações de poder, baseadas em relação de comunicação” (HUTCHEON, 2000, p. 17). Não se pode esquecer que a ironia possui uma natureza “transideológica” HUTCHEON (2000, p. 17), ou seja, estas relações funcionam a serviço da política.

Para HUTCHEON (2000), faz-se necessário não só a escolha do discurso e o local da discussão há de se considerar as dimensões sociais e interativas do funcionamento da ironia, vista como uma estratégia discursiva que opera no nível da linguagem verbal ou formal, seja ela visual ou textual. Nas produções literárias, nas quais o fenômeno pesquisado é a ironia, a escrita se transforma, o discurso é irônico, utiliza-se da linguagem como um mecanismo para estabelecer a comunicação com o outro, no caso, o leitor, tratado aqui não como mero receptor, mas como sujeito ativo e participante da construção do texto.

Torna-se necessário nestas produções literárias uma leitura diferenciada, pois quando há ocorrência de um sentido irônico em um enunciado, são abordadas várias possibilidades para essa interpretação, pois ela é fundamentada conforme HUTCHEON (2000, p. 28) entre o “dito e o não dito”, o declarado e o não declarado, sendo que as relações de poder constituem um dos aspectos mais importantes para que esse texto seja compreendido.

A ironia acontece em todos os tipos de discurso, e sua atribuição vai depender de como será interpretada: Segundo HUTCHEON (2000, p. 22 e 23) a ironia não é ironia até que seja interpretada como tal, pelo menos, quem teve a intenção de fazer a ironia, se não pelo destinatário em mira. Alguém atribui à ironia; alguém faz a ironia “acontecer”.

Cabe ressaltar, que os principais participantes do jogo da ironia, em outras palavras, os que a fazem “acontecer” são denominados de o interpretador e o ironista, “O interpretador pode ser – ou não – o destinatário visado na elocução do ironista, mas ele ou ela (por definição) é aquele que atribui a ironia e então a interpreta”, segundo HUTCHEON (2000, p. 28). Isto significa que o interpretador é quem tem autonomia para decidir se o texto é irônico ou não, em seguida, particulariza esse sentido, sem levar em consideração quais eram as intenções do ironista. HUTCHEON (2000, p. 29) afirma “O interpretador como sujeito ativo atribui

tanto sentidos quanto motivos “e o faz numa situação e num contexto particular, para um propósito particular e por meios particulares”

Atribuir ironia não pode ser feito considerando-a como um simples tropo retórico, há um imbricamento de inferências tanto semânticas quanto avaliadoras. Apesar de ter semelhanças estruturais com a metáfora, alegoria e trocadilho, cabem às arestas avaliadoras fazerem essa dissociação. Cada autor utiliza a ironia a sua maneira, tornando-a parte do seu estilo pessoal, com a liberdade que julgar necessária.

Ao fazer uso do recurso da ironia como uma das características mais marcantes em seus textos, Machado de Assis, consagrou-se um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, criando um estilo que o tornou tão singular, seja criticando a sociedade de sua época ou mesmo ironizando os costumes e a retórica vazia do seu tempo como será abordado no capítulo 2.

CAPÍTULO II

A IRONIA EM MACHADO DE ASSIS – O ALIENISTA

Dentre as várias possibilidades de se compreender o estilo de Machado de Assis, torna-se necessário analisar a obra do escritor sob as mais variadas perspectivas de estilo e com a possibilidade de criar outras, porém, segundo PERES (2005, p. 83) “jamais seremos capazes de compreender o estilo de Machado de Assis”. A autora propõe que se pode apenas “girar em torno dele”, fazendo uso dessa expressão para relacioná-la ao processo de pesquisa, pois, segundo ela, tem esse significado “girar em torno de”.

Diante da abertura incessantemente provocadora dos escritos machadianos, o que nos resta também é voltar, sem a falsa ilusão de ter atingido seu significado último, de interpretá-los inteiramente. Nada nos resta enfim, do que a satisfação sempre renovada desses sucessivos giros, a estonteante sensação nos confrontarmos com o brilho incomum de um objeto exaustivamente trabalhado, depurado, lapidado (PERES, 2005, p. 84).

Machado de Assis é um desses escritores únicos, aos quais não se pode lançar significações unívocas às suas obras, pois elas contam com um leque temático e estilístico variado, o que dificulta o seu enquadramento em um único gênero. O que se pretende aqui é delimitar essa abertura em “O alienista” por meio da categoria da ironia.

De acordo com Lúcia Miguel-Pereira (1950), Machado de Assis, em seus romances e contos, cria um personagem de ambiente brasileiro, mas não fazendo desses personagens típicos, uma vez que esses personagens não necessitam de elementos “decorativos”. Ou seja, refletia em sua obra a existência real da sociedade brasileira, sem precisar, para isso, pintar o mundo de colorido, mas sim de real. Por isso, que, para a autora, Machado conseguiu ser universal.

Machado não imitava outros escritores, era original, soube “desmascarar” como ninguém a falsidade de homens e mulheres de sua época por meio da sutileza. Utilizando, para isso, temas universais, como: amor, adultério, cinismo, egoísmo, casamentos por interesse, apadrinhamentos etc., tornando, com isso, a sua leitura sempre atual e lida em qualquer outro país. Por exemplo, um de seus personagens mais famosos, Brás Cubas, do romance “Memórias póstumas de Brás

Cubas” (1881), resolve contar a sua vida e seus amores depois da sua morte. É um defunto que vira autor. Como quer ser original, começa sua história narrando sua morte e não o nascimento.

Observe este pequeno trecho: “Marcela amou-me por quinze meses e onze contos de réis” (ASSIS, 1991, p. 35). O protagonista para não denegrir a imagem da moça, de forma irônica retrata-a como interesseira, amava pelo interesse financeiro, aqui o autor faz descrições realistas, ou seja, longe da idealização romântica, pois o amor aqui é trocado por meros contos de réis.

Em “Um homem célebre”, Pestana aprendera música com um padre que diziam ser seu pai. Mas tal filiação não é o núcleo narrativo; daí Machado descartar o assunto. O conto mostra um músico popular que deseja ser erudito. O tema da paternidade é esquecido, mas Machado, ao fim do conto, traz o pianista entusiasmado com uma composição e, de relance, confirma os boatos maldosos, que garantia evitar. O autor utiliza a ironia para dizer o que pretendia. Observe este trecho do citado conto:

Compusera alguns motetes o padre, era doudo por música, sacra ou profana, cujo gosto incutiu no moço, ou também lhe transmitiu no sangue, se é que tinham razão as bocas vadias, cousa de que se não ocupa a minha história, como ides ver. [...] Gostou dela; na composição recente e inédita circulava o sangue da paternidade e da vocação (Revista Língua Portuguesa, 2004, p. 40)

O conto “O alienista”, *corpus* da pesquisa, foi publicado em 1882 e faz parte da coletânea *Papéis Avulsos*. No conto, a personagem Simão Bacamarte passa a observar todos os moradores de Itaguaí e começa a recolhê-los ao hospício, aberto por ele, a Casa Verde, a qualquer sinal idiossincrático nas personalidades deles. A obstinação do médico em encontrar loucura em todos gera uma série de cômicas revoltas populares que cumulam com o próprio alienista declarando-se louco e se trancando no hospício para estudar a si mesmo.

O *alienista* é uma obra que se utiliza da ironia para “desnudar” a sociedade da época do Segundo Reinado. Essa obra é considerada da fase realista de Machado de Assis. Não querendo dizer, com isso, que ele usava as técnicas exclusivas do Realismo para, com fidelidade, retratar as situações sociais e sim a essência de uma sociedade, ou seja, segundo HUTCHEON (2000 p. 28) o “dito e o não dito”, o declarado e o não declarado, relativizando o significado literal da mensagem

pronunciada fazendo a ironia “acontecer”.

Percebe-se, logo no primeiro parágrafo do conto, que o protagonista Simão Bacamarte é retratado de forma irônica como sendo autoridade das autoridades científicas:

[...] o Dr. Simão Bacamarte, sendo filho da nobreza da terra e maior dos médicos do Brasil, de Portugal, e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua [...]. Bacamarte incorpora de forma bastante irônica o papel de um cientista que, dentro do mundo racional, está fora do mundo real, pois a escolha da própria esposa não é feita pelo caráter e sim qualidades relacionadas a biologia: [...]. Aos quarenta anos casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e nem bonita e nem feia [...] reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes [...] (ASSIS, 2009, p.9).

O que Machado pretende com o conto “O alienista” é fazer uma crítica ao cientificismo do século XIX, uma vez que, na sociedade da época, as atenções principais estavam voltadas para as realizações da ciência progressista, ou seja, valorizava-se muito do que vinha a partir da explicação científica. Tanto é que no conto, quando Bacamarte era questionado, respondia “a ciência era a ciência” (ASSIS, 2009, p. 20). Percebe-se, dessa forma, que as ações do personagem eram apoiadas a partir do caráter científico, ou seja, mesmo muitas ações de Bacamarte não fazendo sentido algum, tornavam-se efetivas, apenas por usar como explicação o aparato científico.

Dessa forma, Machado mostra o questionamento a respeito de quem detém o poder, por exemplo, a casa verde revela o poder que o doutor Bacamarte tinha nas mãos, assim:

Há, pois, uma situação prévia de domínio que dobra a língua e a espinha dos que rodeiam Simão Bacamarte. Esse domínio se exerce em nome de uma atividade considerada neutra, “acima dos apetites vulgares”: a ciência, o amor à Verdade, que inspira o psiquiatra (BOSI, 1999, p. 90).

No conto, o doutor Bacamarte busca incessantemente definir os critérios para explicar o que seria um comportamento “normal” e um comportamento de “loucura”. Esse passa a ser o único objetivo do médico que, para provar a sua teoria, usa de autoritarismo, podendo ser denominado até mesmo como uma espécie de “ditador”, pois qualquer um que contrariasse o que ele julgava “normal”, era levado à “casa verde”, denominação que ele mesmo deu ao hospício que construiu, sem a menor

explicação razoável para tal atitude. Percebe-se a ironia de Machado ao denominar tal hospital de “cárcere privado [...] bastilha da razão humana” (ASSIS, 2009, p. 23-28), ou seja, uma prisão propriamente dita.

É perceptível nas obras machadianas a crítica sutil que ele faz com relação à sociedade, ou seja, procura em praticamente todas as suas obras, fazer uma análise do interior dos personagens, procurando, com isso, retratar como é o homem diante da sociedade em que vive. Essa crítica é mais abrangente nas obras realistas, como, por exemplo, em “Memórias póstumas de Brás Cubas”, “Dom casmurro” e o próprio “O alienista”, mas o leitor já consegue identificá-las, talvez de forma não tão intensa, mas já existe em seus primeiros livros, como, por exemplo, “Ressurreição”, “Helena”, obras que podem ser consideradas românticas.

Machado se depara com duas poéticas: a romântica e a realista. O rumo que estabelece para si e se contrapunha a ambas, porque nenhuma se ajustava ao tipo de reflexão que veio a desenvolver. O caminho real da poética romântica era o elogio da subjetividade criadora. [...] Por via diversa, o mesmo limite afetava a poética do realismo. Sua palavra chave, estar atento à observação, punha o autor na prisão do mundo perceptualmente tematizado (LIMA, 1981, p. 58).

Ao contar a história de um doutor que procura explicar, por meio de teoria, a loucura; Machado mostra uma ciência que por si só é incerta, isto é, nos mostra o quanto somos frágeis diante de certas situações, pois, se os médicos, que detém o conhecimento, não conseguem explicações lógicas para certas ocorrências da vida, como poderia, então, encontrá-las, os seres meramente “comuns”?

Dessa forma, a obra de Machado consegue ultrapassar o seu tempo e está bem presente na atualidade, uma vez, que ela permite a reflexão, mostra-nos a literatura como uma fonte de consciência que nos leva ao questionamento dos desmandos cometidos por quem detém o poder.

Assim como faz o protagonista do conto, usa a ciência como sua “arma” única para explicar os seus desmandos, “– A ciência, disse ele a sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo” (Assis, 2009, p. 09). A obsessão de Bacamarte em estudar e entender o estágio da loucura humana torna-se tão intensa, que chega a um ponto em que a população já não consegue mais definir quem realmente estava louco, ou se alguém realmente era louco:

Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror. Quem podia, emigrava. (ASSIS, 2009, p. 26).

Assim, percebe-se o quanto a situação era desesperadora, como que o terror circulava a pequena vila de Itaguaí. O doutor passou a ser tão temido que muitos tentavam fugir, ou seja, a resistência até aconteceu, porém, “Um desses fugitivos chegou a ser preso a duzentos passos da vila” (ASSIS, 2009, p. 26). Machado mostra, assim, como, na sociedade, acontecem muitos “desvios” de poder.

Porém, não é apenas ao cientificismo que Machado critica, mas a toda uma sociedade burguesa, tanto é, que o doutor do conto em questão, estuda na Europa e importa, segundo ele mesmo, os conhecimentos para entender a relação entre a razão e a loucura humana.

Não se pode deixar de destacar que os contos elaborados a partir de 1880, incluindo *Papéis Avulsos*, demonstram o quanto seu autor experimentava a fim de buscar a maior autonomia para o conto, que então impunha como forma definida frente à novela e ao romance. Estas novas tentativas na construção do gênero podem muito bem serem rastreadas no período em que Machado colaborava na *Gazeta de Notícias*, iniciada em 1881, estendendo-se até 1887.

A tradição da leitura da obra *O alienista* tem-se orientado pela perspectiva do boato atribuído ao vigário, de que nunca existira outro louco em Itaguaí senão o próprio alienista acata essa versão como se fosse um fato conclusivo do texto, supondo que o médico fosse um louco consumado desde o início da narrativa.

É importante citar que tal entendimento de certa maneira altera a questão da equivocidade da ficção, pois, segundo sua estrutura, o alienista não se define cabalmente pela demência; foi assim considerado por artifício da Igreja. A voz do narrador limita-se a insinuar extravagância e excesso de convicção do cientista, mas o padre vai além, valendo-se de refinada manipulação dos conceitos do próprio Bacamarte. Esta será mais uma astúcia do texto, que multiplica suas vozes como forma de ampliar a significação.

Afinal, em que consiste a diferença entre ser razoável e parecer insano? Nesse paradoxo reside outra chave da ironia da obra, que instaura uma lógica de espelhos distorcidos, em que as verdades do poder e as práticas sociais prescindem dos fundamentos da razão, produzindo um constante jogo entre deformação da

imagem e corrosão da matriz. É o que se pode depreender do último parágrafo de *O alienista*:

Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçava as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa erara solenidade. (ASSIS, 2009, p.48)

Como se vê, o desfecho da narrativa sugere que, apesar dos esforços da racionalidade civil – ficcional e ironicamente representada – cabe à Igreja o estabelecimento dos padrões. Antes disso, no decorrer dos fatos que constituem a trama da obra, a disputa entre essas duas forças foi concebida como fundamento do suspense do texto. Sendo esse o fio condutor da ação, torna-se aceitável o princípio de que *O alienista* se constrói como variedade verbal do discurso irônico segundo o qual o poder internacional da Igreja pretendia sobrepor-se ao do Imperador do Brasil.

É importante destacar que durante o tempo da Questão Religiosa ou Questão dos Bispos², circulavam, basicamente, dois tipos de discursos contra a Igreja no Brasil: um sisudo, doutrinário e administrativo, representado, sobretudo, pelos maçons, entre os quais se destacavam o deputado e jornalista Joaquim Saldanha Marinho e o Visconde do Rio Branco; e um divertido e insinuante, representado pela caricatura das publicações satíricas, entre as quais se contavam os jornais, *Revista Ilustrada*, *O Mosquito* e *Vida Fluminense*. Sem desconsiderar o primeiro tipo de discurso, Machado de Assis filia a obra *O alienista* à tradição do segundo. Assim, o padre Lopes é concebido conforme o estereótipo popular do vigário finório, que, sempre pronto a ocultar as próprias intenções, só revela seu pensamento quando este reflete a hierarquia e os dogmas da Igreja, em nome de quem sempre fala e age.

A hipótese de que *O alienista* incorpora à ficção o discurso da caricatura anticlerical do tempo não só procura recolocar a narrativa em seu ambiente de produção e de circulação, historicizando seu sentido, como também pretende ampliar o conhecimento do repertório técnico do autor, chamando atenção para o

² A questão religiosa foi um conflito ocorrido no Brasil na década de 1870 que, tendo iniciado como enfrentamento entre a Igreja Católica e a maçonaria, acabou se tornando uma grave questão de Estado.

modo construtivo de seu texto. Além disso, talvez possa estabelecer vínculos do pensamento artístico de Machado de Assis com a recente tradição anticlerical da época, presente tanto na ficção realista quanto nas convicções jurídicas de certa ala do partido liberal – que via no catolicismo um obstáculo contra a plenitude da cidadania e contra a autenticidade e alegria da ordem social. Nesse sentido *O alienista* poderá também ser entendido como intervenção de apoio à renovação institucional do país, então dividido entre valores do antigo regime e o projeto de um Estado laico, sem escravos, democrático e republicano.

Enfim, é possível observar a atualidade do escritor Machado de Assis ao unir temas tão presentes na estrutura social brasileira e sem deixar de confirmar o seu relativismo irônico, visto ter preferido, na obra *O alienista*, as nuances da caricatura à ortodoxia das doutrinas tão em voga no século XIX.

Por tudo o que foi exposto, a leitura da obra machadiana depois de 1880 deve ser elucidada pelo viés da crítica social e por isso atual, tendo em vista que a categoria da ironia possibilita uma leitura menos corrosiva, mas sem deixar de evidenciar as marcas de uma elite conservadora, escravocrata. O capítulo 3 contará com uma proposta de leitura em sala de aula da obra *O alienista* enfatizando a crítica social ao ressaltar a atualidade do texto, observando como a obra machadiana adéqua a categoria da ironia como propulsora de uma leitura da realidade da sociedade do Segundo Império pelo viés do pensamento conservador da elite brasileira.

CAPÍTULO III

O ENSINO DO TEXTO MACHADIANO EM SALA DE AULA

Vive-se hoje na era digital, onde a internet, os videogames, o mercado de DVDS, sem falar nos inúmeros canais de TV por assinatura, oferecem tantas opções de entretenimento e diversão, que fica difícil inculcar no jovem a importância e o prazer de se dedicar a leitura de um bom livro, parece coisa ultrapassada.

Parece difícil a escola acompanhar toda essa evolução tecnológica, basta olhar os textos literários aos quais são solicitados a leitura, eles não mudam, acrescenta-se um ou outro, porém os chamados “clássicos” não mudam, e nem devem, pois os temas tratados nesses livros são bastante atuais e não diferem em nada da sociedade atual como será visto por meio da obra “O alienista”.

Em uma época como essa, torna-se tarefa árdua para o professor apresentar esse tipo de leitura para seus alunos, mas, com um plano de aula bem elaborado, que respeite a individualidade de cada aluno, que leve em consideração o seu capital cultural, assim, o professor estará apto para ser o norteador desse processo.

As competências e habilidades propostas pelos PCNs para o Ensino Médio (PCNEM) permitem inferir que o ensino da Língua Portuguesa hoje, visa desenvolver no aluno o senso crítico por meio de vários textos literários que fazem parte da sua cultura, deixando de lado as velhas práticas de ensino das regras gramaticais. Nos dias atuais é inconcebível tal prática, o texto não deve ser usado como pretexto para estudos gramaticais, e isso muitas vezes de forma descontextualizada, usando apenas fragmentos dos textos “clássicos” para esse fim, ou não raras vezes a metodologia para avaliação se consiste em questões de identificação de: tempo, narrador, enredo, personagens e outros aspectos que são esquematizados e cobrados por meio de avaliações, elaboração de resumos e preenchimento de fichas de leitura, afastando com isso qualquer interesse dos alunos pela leitura completa da obra, dada a necessidade da contextualização da época em que foi escrita, o tipo de linguagem, o seu autor *etc.* Torna-se incompreensível e desinteressante para os alunos.

Segundo Magda Soares, letramento é a aquisição da habilidade de ler e

escrever de forma a levar o indivíduo a se apropriar da escrita e das práticas sociais que a ele estão relacionados, ou seja:

[...] letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (Magda Soares, 2012, p.72).

O letramento possui vários níveis e diferentes tipos. O letramento literário é um desses tipos de texto e tem em sua formação o texto literário como norteador de sua prática. Esse tipo de letramento é definido como “estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler textos em verso e prosa, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética” (Kleiman, 1995, p 11). Esse conceito não implica dizer que todos devam saber escrever textos literários, pois a habilidade da escrita não é desenvolvida por todos os indivíduos. Já o desenvolvimento da habilidade da leitura pode ser acessível a todos, desde que seja bem orientada.

Essa leitura, não deve ser concebida como simples decodificação de sinais gráficos, e sim como o aluno se apropria dela tornando-se no seu dia a dia fonte de prazer e conhecimento e não uma atividade regida simplesmente pela obrigatoriedade. Para, verdadeiramente, ler é preciso gostar de ler, e os alunos aprendem a gostar de ler quando de alguma forma a realidade de suas vidas é tocada pela leitura.

A exigência da leitura de obras, no currículo de Língua Portuguesa, muitas vezes é selecionada em decorrência de provas de vestibular, desafia o professor a desenvolver o seu ensino, tendo em vista a necessidade de estimular o aluno, sensibilizando-o para ler e produzir sentidos a partir dessas leituras obrigatórias.

De forma geral as propostas para o ensino de literatura na escola não tem contribuído para que aconteça o letramento literário, pois, muitas vezes se limitam a apresentar a literatura como conteúdo necessário e obrigatório do currículo escolar, sem mencionar que às vezes ela é usada como estratégia para o ensino da língua portuguesa ou como estudo de escolas literárias, estilos e autores, não levando em consideração as relações que se estabelecem entre o sujeito leitor, que tenha oportunidade para se posicionar e expressar seus sentimentos.

Não se pode ter a ilusão, que o aluno leitor de hoje, vai ler as obras clássicas da literatura de modo passivo, que para fazer sentido estas não sejam

passíveis de sofrer a interferência de suas experiências no mundo atual de forma como ele as percebe. Segundo LARROSA (1996, p.146).

Poderíamos começar reconhecendo que a vida humana não consiste numa sucessão de feitos. Se a vida humana tem uma forma, ainda que seja fragmentária, ainda que seja misteriosa, essa forma é de uma narrativa: a vida humana se parece a uma novela. Isso significa que o eu é dispersão e atividade, se constitui como unidade de sentido para si mesmo na temporalidade de uma história, de um relato. E significa, também, que o tempo se converte em tempo humano na medida em que está organizado (dotado de sentido) no modo de um relato. Nossa vida, se é que ela tem uma forma, tem a forma de uma história que se desdobra.

Para esse autor, a leitura para tornar-se uma experiência, necessita ser vivida como algo que possa expressar um modo de vida para o aluno, ou seja, o sujeito leitor precisa reconhecer que a leitura está intrinsecamente relacionada a sua história de ser no mundo.

Tendo em vista que se pretende focar algumas estratégias de leitura, tomando como base a obra “O alienista” de Machado de Assis pelo viés da ironia como crítica social, faz-se necessário o professor se desvincular de práticas antigas, nas quais a leitura era direcionada para o que o autor “quer dizer”, não levando em consideração o ponto de vista do aluno, pois para todo texto, existem leituras possíveis.

Para que essa proposta se torne possível, é necessário o uso do dicionário como meio de auxiliar o aluno a significar textos literários escritos em séculos passados, uma vez que muitas variações linguísticas ocorrem no processo dinâmico da linguagem humana.

Antes de começar a trabalhar o conto em questão, torna-se necessário falar para os alunos a respeito do escritor Machado de Assis, a importância de suas obras, os assuntos tratados, contextualizando a sociedade de sua época, e questionando os alunos se há alguma semelhança com a sociedade atual, ou seja, que o aluno se aproprie desse tipo de leitura, não a considerando como de difícil entendimento e útil apenas para exames vestibulares, mas perceba que os assuntos abordados por este autor perpassam a fronteira do tempo. É necessário apresentar aos alunos os principais personagens criados pelo autor, construindo com os alunos as principais características daqueles.

A partir desta introdução, apresentar para o conto “O alienista” que será lido o 1º capítulo em sala para breve discussão em torno do personagem Simão Bacamarte, situando-o no contexto histórico em que foi escrito. A intenção é

despertar o interesse para que deseje fazer a leitura completa da obra. Neste 1º capítulo o professor deverá se portar como mediador do processo de construção de sentido para o texto a partir das ideias levantadas pelos alunos, para que esses percebam o tom irônico machadiano, seja retratando Simão Bacamarte, ou mesmo a escolha da esposa D. Evarista somente levando em consideração os atributos biológicos em detrimento do caráter. Destacar os seguintes trechos:

[...] o Dr. Simão Bacamarte, sendo filho da nobreza da terra e maior dos médicos do Brasil, de Portugal, e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua [...]. Bacamarte incorpora de forma bastante irônica o papel de um cientista que, dentro do mundo racional, está fora do mundo real, pois a escolha da própria esposa não é feita pelo caráter e sim qualidades relacionadas a biologia: [...]. Aos quarenta anos casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e nem bonita e nem feia [...] reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes [...] (ASSIS, 2009, p.9).

Após ser concluída a leitura, o professor deverá buscar com os alunos por meio de aulas expositivas dialogadas, a fim de concluir a “interpretação” do conto “O alienista”, para tanto se torna necessário que os alunos consigam identificar qual o objetivo de Bacamarte e o que o personagem faz para alcançá-lo, bem como o que o permite exercer em nome de seus projetos científicos um poder arbitrário sobre o habitantes de Itaguaí. O aluno deverá perceber a crítica machadiana ao cientificismo da época, ou seja, a ciência tinha resposta para tudo, e em nome dessa ciência que Bacamarte vai tentar explicar os males da alma, mais especificamente categorizar os loucos da cidade e isso com o aval dos vereadores que o apoiam criando impostos para favorecer o seu intento conforme exemplo abaixo:

[...] Dali foi a câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres[..].

Aqui o professor vai relacionar esse trecho com algum acontecimento atual, mostrar a reportagem da Câmara Legislativa do Distrito Federal onde foi aprovado na calada da noite um aumento para seus funcionários por meio de seus deputados, o aluno deverá perceber a atualidade da obra de Machado, pois no citado trecho percebe-se uma crítica aos políticos da época que nesse tempo também já não se preocupavam em criar leis para beneficiar a sociedade e que em nada diferem dos políticos da atualidade.

Será reservada uma aula para a turma assistir ao filme “Bicho de sete cabeças” (Laís Bodanzky, 2001) o aluno deverá ter percepção como o filme dialoga com o conto citado, pois ambos tratam sobre a loucura por meio de diferentes perspectivas. A figura de Bacamarte pode ser comparada a do pai do personagem principal, pois esse o interna em um manicômio simplesmente por acreditar que ali haveria cura, ou seja, o pai decidiu e ninguém o contradisse.

Desta forma, caberá ao professor levar o aluno a perceber que em “O alienista” Machado de Assis se diverte e nos diverte, seja satirizando por meio da obsessiva busca da verdade empreendida por Bacamarte, as fronteiras estabelecidas entre o uso da ironia como crítica social, pois em toda obra percebe-se o seu olhar crítico sobre a sociedade retratada, seja através dos seus personagens muitas vezes desprovidos de entendimento e submissos ou mesmo coniventes com os mandos do personagem principal .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que Machado de Assis é um desses escritores únicos, e que a partir do conhecimento dos diversos estilos deste escritor, é possível ampliar, pluralizar essa visão pelo viés da ironia como crítica social.

Tornou-se relevante contextualizar a sociedade em que viveu o escritor, como também as citações de alguns de seus personagens mais importantes.

A autora Linda Hutecheon foi de extrema importância para a realização deste trabalho, pois por meio de sua teoria sobre a ironia direcionou esta monografia para delimitar a ironia como crítica social, uma vez que decidiu tratá-la não como um tropo retórico, mas político e ampliou a visão para a sua natureza “transideológica”.

Este trabalho privilegiou o estudo do conto “O alienista” em sala de aula com como forma de ampliar o letramento literário dos alunos por meio de aulas em que o diálogo foi privilegiado como forma de que o aluno viesse a construir sentidos para o texto levando em consideração o seu posicionamento diante do uso da ironia como ferramenta de crítica social.

A partir da análise feita o que se pode perceber é que por meio do conto O alienista de Machado de Assis, utiliza-se da ironia para criticar o cientificismo do século XIX e, também, a toda uma sociedade burguesa, torna-se evidente que Machado de Assis, apesar de ser de outro século, torna-se necessário e prazeroso estudá-lo, não somente por obrigatoriedade para exames vestibulares, mas como um autor que esteve à frente do seu tempo cujo legado de suas obras perpassa a linha temporal, pois seus temas são bastante atuais e a sociedade da sua época assemelha-se a de hoje.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: FTD, 1991, p.113.
- _____. *O Alienista*. Porto Alegre: L&PM, 2012,
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/21/10>, acesso dia 8/12/2012 às 11h25min.
- HUTECHÉON, Linda. *Teoria e política da ironia*. . Tradução de Júlio Jeha. Belo Horizonte. UFMG, 2000.
- LARROSA *apud* VINHAIS, Ione. *Literatura, leitura e produção textual no ensino médio*. Porto Alegre. Mediação, 2012. p. 24.
- LIMA, Luiz Consta. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira volumes XXII: prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1950.
- NOGUEIRA, Érico. *Machado é uma vitória do estilo*. *Língua Portuguesa*, São Paulo, nº 49, p. 40 – 45, novembro. 2009.
- PERES *apud* SALOMON, Geanneti Tavares. *Moda e ironia em Dom Casmurro*. São Paulo. Alameda, 2010. p. 167.
- SOARES, Magda, *Letramento – um tema em três gêneros*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p.68.